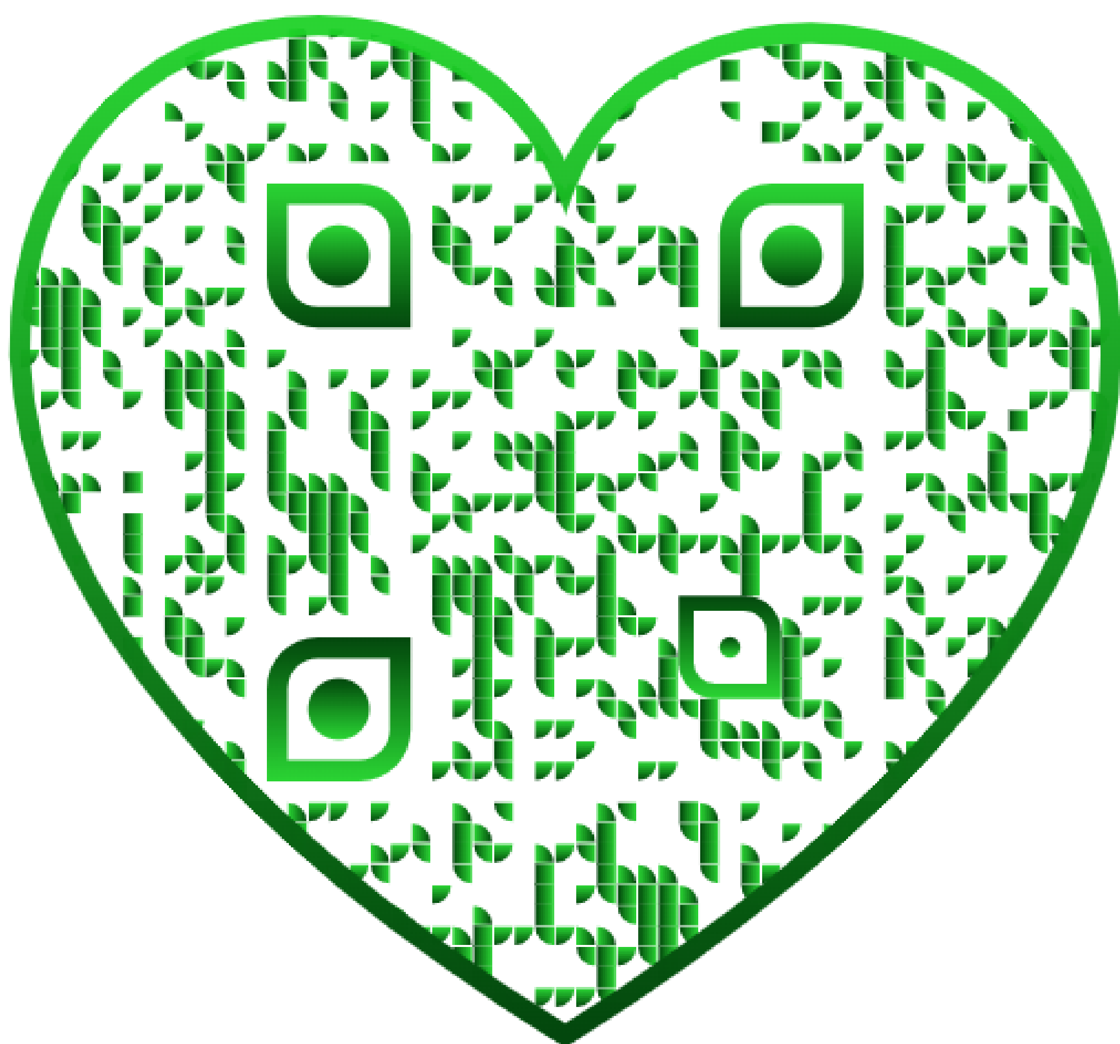


Seis Pontos Místicos

Jacob Boehme





Sociedade das Ciências Antigas

SEIS PONTOS MÍSTICOS

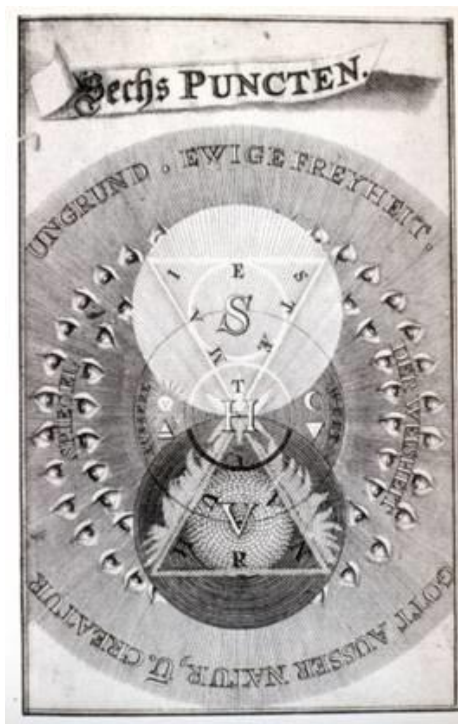
OU

UMA CURTA EXPLICAÇÃO DOS SEIS PONTOS MÍSTICOS

POR

JACOB BOEHME

ESCRITO NO ANO DE 1620



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS:

SEX PUNCTA MYSTICA

OU

UNE COURTE EXPLICATION DE SIX POINTS MYSTIQUES
ECRIT EN L'AN 1620

Primeiro Ponto
Do sangue e da água da alma

1. Tudo o que tem substância e é tangível está neste mundo. Dado que a alma não é nem uma substância, nem uma entidade neste mundo; nem seu sangue, nem sua água são substâncias ou entidades neste mundo.

2. É certo que a alma, com seu sangue e sua água, reside no sangue e nas águas exteriores, mas sua substância é mágica. Pois a alma é também um fogo mágico, e sua imagem ou forma é criada na luz (pela força de seu próprio fogo e de sua própria luz), emanadas do fogo mágico e, portanto, ela é uma imagem verdadeira da carne e do sangue, mas não em seu estado original.

3. Como a Sabedoria de Deus, tem um ser e, portanto, existe, mas a Sabedoria não é um ser. Assim também a alma, com sua imagem, possui uma existência, mas, contudo, a alma não é mais do que um fogo mágico, mas sua subsistência busca sua fonte em sua substância.

4. Assim como o fogo tem necessidade de substância para arder, também o fogo mágico da alma tem a carne, o sangue, e a água. Não haveria sangue se a tintura do fogo e da luz não fossem de água. Esta tintura é a entidade ou a vida da sabedoria (que tem nela todas as formas da Natureza) e é o outro fogo mágico.

5. Ela dá, pois, todas as cores e de sua forma emana a energia divina da natureza doce da luz (quer dizer: segundo a propriedade da luz que está nela), e segundo a propriedade do fogo que está nela, é uma sutileza da transmutação. Ela pode conduzir todas as coisas a seu grau mais elevado, ainda que não seja um espírito vivo, mas a entidade suprema.

6. Assim, a tintura é a mesma entidade na água e ela introduz nesta última as propriedades do fogo e da luz, com todas as forças da Natureza pelas quais transforma a água em sangue. E o faz na água exterior e também na água interior, o mesmo que ela faz no sangue exterior e no interior.

7. O sangue interior no estado de substância divina é igualmente mágico, pois é a Magia que a transforma em substância. É o sangue espiritual que a natureza exterior não pode alcançar (*rügen*), a não ser pela imaginação. A imaginação interior introduz a vontade exterior no sangue interior. Por esse processo, o sangue e a carne no estado de substância divina se corromperam, e a nobre imagem da semelhança com Deus está eclipsada.

8. O sangue e a carne da alma vivem no mais alto mistério, pois eles são o estado da substância divina. E quando o sangue e a carne exteriores morrem, caem no mistério exterior, e o mistério exterior cai no mistério interior.

9. E cada fogo mágico tem seu resplendor e sua obscuridade no si-mesmo; o que provoca a necessidade de um dia final de separação: quando todos deverão passar através de um fogo e serão provados, o que determinará os que são aptos, e os que não o são. Então todas as coisas retornarão à sua própria magia e será como era desde a eternidade.

Segundo Ponto
Da escolha da graça
Do bem e do mal

1. Só Deus, desde a eternidade é o Todo. Sua essência se divide em três distinções eternas: a primeira é o mundo-fogo, a segunda é o mundo das trevas, e a terceira é o mundo-luz. E, contudo, não há mais do que uma única essência; uma na outra, mas uma não é a outra.

2. As três distinções são igualmente eternas e sem limites, não estão limitadas nem no tempo, nem no espaço. Cada distinção se encerra nela-mesma, num ser. Sua qualificação está de acordo com sua propriedade, e nesta qualificação reside também seu desejo, como o *centrum naturae* (centro da natureza).

3. E o desejo é sua criação, pois o desejo cria o ser onde não havia nada, e com a essência do desejo, segundo a propriedade do desejo. E o conjunto não é mais do que uma Magia, ou a fome pelo estado de ser.

4. Cada forma cria um ser em seu desejo; e cada forma se enche do reflexo de sua própria claridade, e tem sua visão em seu próprio espelho. Sua visão é uma treva para outro espelho, e sua forma está oculta para outro olho; mas na sensação, há uma diferença.

5. Cada forma deriva sua sensação do estado original das três formas da Natureza, a saber: o ácido, o amargo e a angústia e, portanto, nestas três formas não há nenhum sofrimento em si, mas ali o fogo causa a dor que a luz transforma de novo, em doçura.

6. A verdadeira vida está enraizada no fogo; há um vínculo entre a luz e as trevas. Esta relação é o desejo com tudo o que se completa é por isso que o desejo pertence ao fogo, e sua luz brilha desse fogo. Esta luz é a forma, para a visão desta vida e a substância introduzida no desejo é a madeira a consumir no fogo ardente e como quer que ela seja dura ou suave, é também o reino do Paraíso ou do Inferno.

7. A vida humana é o vínculo entre a luz e as trevas e arderá naquela na qual se abandonar. Se ela se abandona ao desejo da essência, arderá na angústia, no fogo das trevas.

8. Mas se ela se abandonar a um vazio (o nada), então estará sem desejo e cairá no fogo da luz e assim arderá sem dor, pois ela não põe em seu fogo nenhum combustível que poderia alimentar um fogo. Como não há nenhuma dor nela mesma, como a vida não recebe sofrimento, pois ela (a vida) não contém nada em si-mesma, a vida humana cairá na primeira Magia, que é Deus em sua Trindade.

9. Quando nasce, a vida possui os três mundos em si. Ela estará contida no mundo ao qual se unirá e é deste fogo que arderá.

10. Pois, quando a vida se inflama, é atraída pelos três mundos e eles se movem na essência, como no primeiro fogo que se inflama. Qualquer que seja a essência que a vida em seu desejo escolha receber, deste fogo é que arderá.

11. Se a primeira essência na qual a vida se inflama é boa, então o fogo é também agradável e bom. Mas se esta é má e escura, consistindo de uma propriedade de violenta fúria, então o fogo será também um fogo-fúria, e terá um desejo correspondente, que se ajusta à propriedade deste fogo.

12. Cada imaginação deseja somente uma essência igual a ela-mesma e da natureza da qual nasceu originalmente.

13. Atualmente, a vida do homem é como uma roda e logo o ponto mais baixo se tornará o ponto mais alto. Ela se inflama com cada essência e se mancha com cada essência. Mas a vida se banha no

movimento do coração de Deus, uma água de gentileza e, nesse lugar, é capaz de introduzir um estado de substância em seu fogo-vida. A escolha de Deus não depende da primeira essência.

14. A primeira essência não é, pois, mais do que o *Mysterium* para uma vida. E a primeira vida, assim como o fogo do qual se inflama, pertence ao *Mysterium* que ela tomou da essência, de que esta essência é inteiramente violenta, ou uma essência mista, ou uma essência de luz, de acordo com o mundo-luz.

15. A propriedade na qual a vida adquire a ascensão é também aquela que consumirá sua luz. Esta vida não teve escolha e nenhum juízo será conduzido sobre ela, pois tem sua própria condição primitiva, e leva seu juízo em si-mesma. Ela se separa de toda outra fonte (*Qual*), pois ela não consome mais que de sua própria fonte, de seu próprio fogo mágico.

16. A escolha está em relação ao que é introduzido, que pode pertencer seja à luz ou às trevas. Pois, de acordo com o que seja introduzido pertença a uma propriedade ou a outra, assim será também a vontade de sua vida. Assim é como se pode saber se ela é de uma natureza de violenta fúria, ou de uma essência de amor. Também por longo tempo arderá de um único fogo e será abandonada pelo outro. A escolha do fogo no qual ela arderá se transmite à vida, por este mesmo fogo por tanto tempo quanto ela permanecer neste fogo.

17. Mas, se a vontade deste fogo (como o *punctum* instável) se submerge em outro fogo e ali se inflama, ela poderá iluminar deste fogo a vida inteira, e poderá permanecer neste fogo.

18. Então a vida renasce, seja para o mundo das trevas seja para o da luz (segundo o mundo no qual a vontade se tenha inflamado), e então surge outra escolha. Eis aqui a razão pela qual Deus tolera que o homem ensine, assim como o diabo. Cada um dos desejos que a vida lança em seu próprio fogo se ilumina de si-mesma. E assim cada um desses *mysterium* compreende o outro.

Terceiro Ponto
Do pecado
Do que é o pecado e porquê é pecado

1. Algo que é Uno não tem nem mando, nem lei. Mas, se esse algo se mescla a outro algo, resultam dois seres diferentes, existindo como um só. Mas também há duas vontades, uma operando contra a outra. Eis aqui a origem da oposição ou da inimizade.

2. Consideremos a oposição a Deus. Deus é Uno e Bom, sem nenhum sofrimento ou qualidade limitada (*Qual*). E toda fonte ou qualidade (*Qual*) está nEle, mesmo que ainda não esteja manifestada, pois o bem absorveu o mal, ao contrário do si-mesmo, e o guarda encerrado no bem, como um prisioneiro, pois o mal será uma das causas da vida e da luz, mas causa não manifestada. Portanto, o bem morre no mal a fim de poder mover-se no mal, sem sofrimento nem sensação em si-mesmo.

3. O amor e a inimizade são uma única e mesma coisa, mas cada uma reside em si-mesma, o que as tornam duas coisas diferentes. A morte é a linha de demarcação entre elas e, portanto, a morte não existe exceto que o bem morra no mal, como a luz morreu na mordida do fogo e não sente mais o fogo.

4. Nós devemos ainda explicar o pecado na vida humana. Eis: a Vida é Una e Boa, mas se existe outra qualidade no interior dela-mesma, esta se transforma numa inimizade contra Deus, pois Deus reside na vida mais elevada do homem.

5. No entanto, nenhuma existência incomensurável pode residir numa existência mensurável. Já que enquanto a verdadeira vida desperta a dor em si-mesma, não é mais idêntica ao nada, no qual não há dor. É porque uma se separa imediatamente da outra.

6. Pois o bem - ou a luz - é como um nada, mas se alguma coisa o penetra, então se torna outra coisa além do nada, pois a coisa que o penetra reside em si-mesma, no tormento (*Qual*), pois ali onde há alguma coisa, deve também haver uma qualidade (*Qual*) que a crie e a mantenha.

7. Consideremos agora o amor e a inimizade. O amor não possui mais do que uma única qualidade e uma só vontade. Não deseja mais do que o objeto de seu amor e nenhum outro, pois o bem é tão somente a Unidade e a qualidade é múltipla. E a vontade humana, que deseja múltiplas coisas, traz para si-mesma e para o Único (onde reside Deus), o tormento da pluralidade.

8. Pois o múltiplo é treva e obscurece a vida da luz, e o Único é a Luz, pois esta se ama a si-mesma e não possui nenhum desejo pelo múltiplo.

9. A vontade da vida deve, então, ser dirigida para o Único (como fazia o Bem), e assim permanecer numa qualidade única. Mas, se imagina outra qualidade, ela mesma se torna o recinto do que deseja.

10. E se esse algo não tiver um fundamento eterno terá uma raiz perecível e frágil. Então buscará uma raiz para assegurar sua preservação, a fim de subsistir, pois cada vida reside num fogo mágico, e cada fogo deve ter uma substância para poder arder.

11. Este algo deve criar por si-mesmo uma substância, segundo seu desejo, a fim de que seu fogo tenha um combustível para nutrir-se. Nenhum fogo-fonte pode subsistir no fogo livre, pois este não pode alcançá-lo, não sendo ele-mesmo mais do que uma coisa.

12. Tudo o que subsiste em Deus deve ser liberado de sua própria vontade. Não pode haver ali nenhum fogo individual queimando no interior de si-mesmo, pois o fogo de Deus deve ser o seu fogo. Sua vontade deve estar unida a Deus, a fim de que Deus e a vontade e o espírito do homem não sejam mais do que uma única e mesma coisa.

13. Pois o que é Uno não pode estar em desacordo ou em inimizade com si-mesmo, porque não possui mais do que uma vontade. Onde quer que ele vá, o que quer que faça, permanece Uno consigo mesmo.

14. Uma vontade única não pode ter mais do que uma imaginação única, e a imaginação não cria onde não se deseja o que se assemelha a si-mesma. É desta maneira que nós devemos compreender a vontade contrária.

15. Deus reside em todas as coisas e nada o contém, exceto se tal cosa é Una com Ele. Mas, se esta sai da unidade, ela sai de Deus e entra em si-mesma e se torna, então, diferente de Deus, se separa por si-mesma. E é aqui que se manifesta a Lei que quer que todas as coisas voltem a sair de si-mesmas para retornar à Unidade ou ficarem separadas da Unidade.

16. Eis como se pode saber o que é pecado e porque é pecado. Quando um ser humano quer separar-se por si-mesmo de Deus, em sua própria existência, ele desperta seu próprio si e arde de seu próprio fogo, que não tem a capacidade do fogo divino.

17. Pois, toda coisa que a vontade penetre e tome posse, tornar-se-á estranha à vontade Una de Deus. Pois tudo pertence a Deus e nada pertence à vontade do homem. Mas, se a vontade reside em Deus, então também tudo lhe pertence.

18. Assim, pois, nós reconhecemos que o desejo é pecado, pois este é uma tentação da separação da Unidade em direção ao múltiplo e a introdução do múltiplo na Unidade. Deseja possuir e, portanto, deverá estar sem vontade. É pelo desejo que se busca a substância, e é na substância que o desejo acende um fogo.

19. Cada fogo particular queima segundo o caráter de seu próprio ser, e eis como nasce a separação e a inimizade. Pois o Cristo disse: "Aquele que não está comigo, está contra mim e aquele que não atesoura comigo, dissipa no lugar de juntar." (Lucas XI, 23). Pois aquele que atesoura sem Cristo e tudo o que não está nEle, está fora de Deus.

20. Vemos, então, que a avareza é pecado, pois se age com um desejo exterior a Deus. E nós compreendemos também que o orgulho é pecado, pois este tenderá a voltar-se para sua própria coisa, separando o si-mesmo de Deus, assim como da Unidade.

21. Pois tudo o que reside em Deus deve mover-se nEle, em Sua vontade. Então vemos que estamos todos em Deus, como uma unidade dividida em numerosos membros. Não encontrará Deus aquele que se separa dos outros, fazendo de si-mesmo um senhor, como o orgulho pode fazê-lo. O orgulho se fará um senhor, e Deus é o único Senhor. Haverá então dois senhores, e um se separa do outro.

22. É por isso que tudo o que se deseja possuir para si mesmo é pecado e uma vontade contrária, o mesmo quando se age assim ao beber ou ao comer. Se a vontade se imagina neste estado, ela se enche e se ilumina de seu próprio fogo, e age então outro fogo ardendo no primeiro e se torna uma vontade contrária e um erro.

23. É porque nós devemos cultivar, fora da oposição, uma vontade nova, que se abandonará outra vez na Unidade simples, e a oposição deverá ser quebrada e abatida.

24. Consideremos agora o Verbo de Deus feito homem. Se o homem coloca ali seu desejo, sairá da dor (*Qual*) de seu próprio fogo e será um recém-nascido no Verbo. E, assim, a vontade nascente residirá em Deus, mas a vontade primeira permanecerá com avareza, materialidade e pluralidade.

25. Também a pluralidade do corpo deve ser quebrada, e esta deve desaparecer e separar-se da vontade nascente. Então a vontade nascente conhecerá um novo nascimento, pois na Unidade, reabsorve tudo em si-mesmo, não com seu próprio desejo, mas com seu próprio amor - um amor que está unido a Deus -, a fim de que Deus esteja inteiramente em tudo, e que Sua Vontade seja a vontade de todas as coisas, pois em Deus não existe mais que uma única vontade.

26. Assim, nós descobriremos que o mal deve estar subordinado à vida do bem, sempre que a vontade se retire de novo do mal, de si-mesmo, ao bem, pois o fogo da vida é constituído de ferocidade.

27. Mas a vida da vontade de vida deve ter voltado contra si-mesma, em conflito, pois deve fugir de sua ferocidade e não mais desejá-la. Ela não deve mais querer desejar e, no entanto, a vontade de seu fogo (quer dizer a vida de seu fogo) deseja e deve possuir o desejo. Eis aqui, então, a coisa: renascer na vontade.

28. Cada vontade-espírito que permanece no desejo do fogo de sua vida (como no ardor da madeira para o fogo), ou que ali penetra e possui o terreno, fica separada de Deus enquanto possuir o que é diferente, quer dizer, o terreno.

29. Então nós reconhecemos como a superficialidade de beber e de comer engendra o pecado. Pois, a vontade pura que se separa do fogo da vida, está mergulhada no desejo e aprisionada, e assim se

encontra muito fraca no combate. Pois a fonte do fogo (ou do desejo) a mantém cativa e a cumula do ardente desejo, de tal maneira que esta mesma vontade dirige sua imaginação no desejo.

30. Assim também a vontade colocada no desejo de beber e de comer é terrena e está separada de Deus. Mas a vontade que escapa do fogo terrestre, arde no fogo interior e é divina.

31. A vontade que não escapa do desejo terreno não se eleva além do fogo terrestre. Não, ela é a vontade do fogo da alma que foi capturada e oculta pelo desejo terreno. Ela não deseja permanecer no desejo terreno, mas quer retornar à sua Unidade, em Deus, de onde ela encontrou originalmente sua fonte.

32. Mas se ela é guardada prisioneira do desejo terreno, será encerrada na morte e sofrerá a agonia. Eis como compreender o pecado.

Quarto Ponto
Como o Cristo devolverá o
Reino a Seu Pai

1. Durante a criação do mundo e de todos os seres, o Pai se põe em movimento segundo sua propriedade, quer dizer pelo centro da Natureza, pelo mundo tenebroso e o mundo-fogo. Eles continuarão seu movimento e sua dominação até o momento em que o Pai se eleva, segundo seu coração (e o mundo-luz), e Deus se torna homem. A seguir, o amor reina, a luz venceu a propriedade da violenta fúria do Pai e guia o Pai no Filho, com amor.

2. Depois o Filho teve domínio sobre os que se vincularam a Deus; o Espírito-Santo (que provém do Pai e do Filho) atrai os homens para a luz do amor, através do Filho, para Deus, o Pai.

3. Mas, no final dos tempos, o Espírito-Santo voltará ao Pai e também a propriedade do Filho e as duas propriedades se tornarão ativas nesse instante. O espírito do Pai se revelará no fogo e na luz, mas também na violenta cólera do mundo das trevas. Então o reino retornará ao Pai. Pois o Espírito-Santo deve governar eternamente e ser um revelador eterno no mundo-luminoso como também no mundo das trevas.

4. Pois os dois mundos permanecerão imóveis e o Espírito-Santo, que provém do Pai e do Filho tem o direito de reinar eternamente nos dois mundos, segundo a natureza e a propriedade de cada um destes mundos.

5. Ele só será o revelador das maravilhas. E a dominação eterna que Ele exercerá com o Espírito, será devolvida ao Pai (que é tudo), pelo Filho.

Quinto Ponto
Da magia. Do que é a magia
Do que é o fundamento da magia

1. A magia é a mãe da eternidade, do Ser de todos os Seres, pois ela se cria a si-mesma e seu entendimento reside no desejo.

2. Ela não é ela-mesma mais do que como uma vontade e essa vontade é o grande mistério de todos os milagres e de todos os segredos, mas ela se manifesta pela imaginação da fome do desejo de existir.

3. É o estado original da Natureza. Seu desejo cria uma imagem (*Einbildung*). Essa imagem ou figura é somente a vontade do desejo, mas o desejo cria na vontade um ser, semelhante ao que contém a vontade.

4. A magia verdadeira não é um ser, mas o espírito do desejo deste ser. É uma matriz sem substância, mas que se manifesta num ser de substância.

5. A Magia é o espírito, e o ser é seu corpo e, no entanto, os dois não fazem mais do que um, como a alma e o corpo não fazem mais do que uma só pessoa.

6. A Magia é o maior segredo, pois ela é superior à natureza e cria a natureza segundo a forma de sua vontade. Ela é o mistério do Ternário, quer dizer que ela reside no desejo, na vontade de aspirar ao coração de Deus.

7. Ela é a potência formadora na Sabedoria eterna, sendo um desejo no Ternário, no que a eterna maravilha do Ternário deseja manifestar-se em cooperação com a Natureza. É o desejo que se introduz na Natureza tenebrosa, e pela Natureza no fogo e pelo fogo, pela morte ou a violência, na luz da Majestade.

8. Ela não é a Majestade, mas o desejo da Majestade. Ela é o desejo do poder divino, e não o poder em si-mesmo, mas ela é a fome ou o desejo ardente do poder. Ela não é Onipotência de Deus, mas o elemento diretor da Potência e do Poder de Deus. O coração de Deus é o poder, e o Espírito-Santo é a revelação do poder.

9. Sem embargo, ela não é somente o desejo do poder, mas também do espírito condutor, pois ela contém o *Fiat* em si-mesma. O que o Espírito-Vontade revela nela, a manifesta como um ser para a acidez que é o *Fiat.* Tudo isso se cumpre segundo o modelo da vontade. Como a vontade forma um modelo na Sabedoria, é assim que o desejo da Magia o recebe, pois ela tem a imaginação em sua propriedade como um ardente desejo.

10. A imaginação é doce e terna, assemelha-se à água. Mas o desejo é duro e seco como a fome, ele endurece o que é brando e se encontra em todas as coisas, pois é o maior ser (*Wesen*) na Deidade. Ele guia o que não tem fundamento para sua fundação e o que não é nada para alguma coisa.

11. É na magia que se encontram todas as formas do Ser de todos os seres. Ela é uma mãe em cada um dos três mundos e cria cada coisa, segundo o modelo e a vontade desta coisa. Ela não é o entendimento, mas um elemento de criação segundo o entendimento e ela se presta tanto ao bem quanto ao mal.

12. É tudo o que a vontade modela na sabedoria, de modo que a vontade do entendimento a penetre também, é o que recebe seu ser da Magia. Ela serve àquilo que ama Deus em Seu Ser, pois ela cria a substância divina no entendimento e a toma da imaginação e também da doçura da luz.

13. É a Magia que cria a carne divina e o entendimento nasceu da sabedoria, pois este distingue as cores, os poderes e as virtudes. O entendimento conduz ao espírito verdadeiro e justo pelo domínio, pois o espírito foge e o entendimento é seu fogo.

14. O espírito não é rebelde, não deveria opor-se ao entendimento mas deveria ser a vontade do entendimento. Mas os sentidos do entendimento fogem e são rebeldes.

15. Pois os sentidos são as centelhas do espírito-fogo, eles trazem consigo, na luz, as chamas da Majestade; e nas trevas trazem consigo o raio do terror, semelhante a um feroz relâmpago de fogo.

16. Os sentidos são de um espírito tão sutil, que eles entram em cada ser e absorvem cada ser em si-mesmos. Mas o entendimento prova tudo em seu próprio fogo, rejeita o mal e não retém mais do que o bem. Então a Magia, sua mãe, toma o bem e lhe dá o ser.

17. A Magia é a mãe da qual provém a Natureza, e o entendimento é a mãe proveniente da Natureza. A Magia guia o fogo feroz, e o entendimento abandona sua própria mãe: a Magia, do fogo feroz para seu próprio fogo.

18. Pois o entendimento é o fogo do poder, e a Magia é o fogo ardente e, no entanto, não é necessário compreender como um fogo, mas como o poder ou a mãe do fogo. O fogo é chamado princípio e a Magia é chamada desejo.

19. Tudo é cumprido pela Magia, o bom assim como o mau. Sua própria obra é necromancia, mas ela está distribuída através de todas as propriedades. No que é bom, ela é boa, e no que é mau, ela é má. Ela é útil às crianças do Reino de Deus, e aos bruxos do reino do diabo, pois o entendimento pode fazer o que lhe apraz. Ela não possui o entendimento e, no entanto, ela compreende tudo, pois ela é a compreensão de todas as coisas.

20. É impossível medir a profundidade, pois ela é desde a eternidade a base e o fundamento de todas as coisas. Ela é um mestre de filosofia, assim como é a mãe da filosofia.

21. Mas a Filosofia conduz à Magia, sua mãe, como lhe apraz. Como o divino poder, quer dizer, o Verbo (ou o coração de Deus), conduz o Pai severo para a doçura, assim a Filosofia (ou o entendimento) conduz a sua mãe para uma qualidade doce e divina.

22. A Magia é o livro de todos os sábios. Os que querem aprender devem primeiro aprender a Magia, mesmo que sua própria arte seja mais elevada ou mais baixa. Assim como o agricultor deve ir à escola mágica se quiser cultivar seu campo.

23. A Magia é a melhor teologia, pois nela a verdadeira fé tem seu fundamento e sua morada. E aquele que a ridiculariza é um louco, pois ele não a conhece e blasfema contra Deus e contra si-mesmo, e ele é mais um malabarista que um teólogo possuidor de entendimento.

24. Ele é como alguém que se golpeia diante de um espelho e não conhece a causa da disputa, pois leva um combate superficial. O teólogo injusto olha a Magia em seu reflexo e não compreende nada de seu poder, pois ela é semelhante a Deus e ele não é divino, mas é diabólico, segundo a propriedade de cada princípio. Em resumo: a Magia é a Atividade do Espírito-Vontade.

Sexto Ponto
Do Mistério
O que é o Mistério

1. O mistério não é outra coisa além da vontade mágica que ainda está aprisionada no desejo. Ele pode modelar-se à vontade no espelho da sabedoria. E da maneira que se modela na tintura, será fixado e formado na Magia e por fim trazido num ser.

2. Pois o *Mysterium Magnum* não é nada além da faculdade que tem a Deidade de ocultar-se, em companhia do Ser de todos os seres. Desse mistério procedem outros, e cada mistério é o reflexo e o modelo do seguinte. E eis aqui a grande maravilha da eternidade, na qual tudo está incluído, e que desde toda eternidade foi vista no espelho ou na sabedoria. E nada passa que não tenha sido, por toda a eternidade, conhecido no espelho da Sabedoria.

3. Mas deves compreendê-lo segundo as propriedades do espelho, segundo todas as formas da Natureza, quer dizer, segundo a luz e a sombra, segundo a compreensão e a incompreensão, segundo o amor e a ira, ou segundo o fogo e a luz, como foi demonstrado.

4. O Mago tem o poder, neste Mistério, de agir segundo sua vontade, e ele pode fazer o que lhe apraz.

5. Mas ele deve estar armado com esse mesmo elemento, com o qual ele poderia criar; se não ele for rejeitado como um estranho e liberado ao poder dos espíritos deste elemento, que poderiam tratá-lo como bem lhes parecesse. Nada mais pode ser dito deste tema, por causa da turba.

FIM